

REPRESENTAÇÕES NESTORIANAS: PODER E SAGRADO NAS DESCRIÇÕES DE JUSTIN PERKINS ACERCA DOS ASSÍRIOS DE OROOMIAH

Lucas Gesta Palmares Munhoz de Paiva¹

RESUMO

Neste artigo analisamos as representações do missionário estadunidense calvinista Justin Perkins, expostas em seu livro acerca dos primeiros anos de missão entre os cristãos assírios, na cidade de Oroomiah, na Pérsia Oitocentista. O contexto se dá em uma missão protestante do início do século XIX, formada por uma junta de igrejas calvinistas estadunidenses – a *American Board of Commissioners for Foreign Missions* (ABCFM) -, com objetivo de transformar os cristãos assírios da região em uma ponte para a evangelização de toda a Ásia. Para tanto, o missionário constrói uma imagem desses cristãos, formando representações nas quais seu público iria se identificar com os mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: REPRESENTAÇÕES – NESTORIANOS – MISSÃO
PROTESTANTE

ABSTRACT

In this article we analyze the representations of the American Calvinist missionary Justin Perkins, exposed in his book about the first years of mission among the Assyrian Christians, in the city of Oroomiah, in 19th century Persia. The context takes place in a Protestant mission from the beginning of the 19th century, formed by a board of American Calvinist churches - the American Board of Commissioners for Foreign Missions (ABCFM) -, with the objective of transforming the Assyrian Christians in the region into a bridge to the evangelization of all Asia. For that, the missionary builds an image of these Christians, forming representations in which his audience would identify with them.

KEYWORDS: REPRESENTATIONS – NESTORIANS – PROTESTANT MISSION

¹ Doutorando em História Política - Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO - (2013). Pós-graduado em Teologia Bíblica e Ministerial pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro - FABAT - (2018). Pós-graduado em História da Igreja pela Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia - FAECAD - (2014). Licenciado em História pela Fundação Dom André Arcoverde - FAA - (2010).

INTRODUÇÃO

Neste ensaio analisamos as representações de um missionário estadunidense calvinista, expostas em seu livro acerca dos primeiros anos de missão entre os cristãos assírios, na cidade de Oroomiah, na Pérsia Oitocentista. O contexto se dá em uma missão protestante do início do século XIX, formada por uma junta de igrejas calvinistas estadunidenses - no período de surgimento do chamado “fundamentalismo” -, a qual começa a dialogar com uma tradição cristã antiquíssima, radicalmente diferente desta primeira em termos de ritos, dogmas, símbolos, história e cultura: os cristãos assírios da Pérsia, conhecidos como “nestorianos”.

Esse diálogo gerou uma prodigiosa ação missionária entre as duas vertentes religiosas, que durou décadas, levando à formação de seminários, colégios infantis, imprensa e até uma faculdade de medicina. O iniciador de todo esse processo foi o missionário norte-americano Justin Perkins, o qual redigiu alguns livros contando toda sua trajetória como missionário na região de Oroomiah, pertencente ao império Persa.

No primeiro dos seus livros, o missionário introduz pela primeira vez quem seria esse povo e o que esperar de sua ação missionária na região. O que causa estranheza e é o tema deste ensaio é que Perkins irá representá-los de uma forma acolhedora e surpreendente: os “remanescentes” do cristianismo antigo. Uma espécie de “elo perdido” entre a igreja dos apóstolos e a do tempo presente. Elo esse que viria a ser o elemento fundamental para a disseminação da fé protestante calvinista em todo o Oriente.

Para uma tradição milenarmente distante, não só temporalmente, mas culturalmente e geograficamente, a aproximação de Perkins em sua representação dos mesmos causa um estranhamento, não exatamente nele, mas em quem analisa a questão sob o ponto de vista histórico: como pôde um calvinista, de cultura e tradição religiosa ocidental, surgidas na Modernidade, se identificar com aquele povo? Por que representá-los e apresentá-los como uma igreja “remanescente”, sendo esta tão diferente da sua?

Assim, neste ensaio iremos abordar as representações desse missionário acerca dos nestorianos para exposição ao seu público, nos E.U.A., tanto as de aproximação, quanto as de distância, quais as prováveis causas disso e seus resultados. Para tanto, no primeiro capítulo trataremos do início e expansão da missão calvinista em Oroomiah na Pérsia, e seus impactos e legados na região. No segundo capítulo, trataremos de uma breve história do povo assírio, e as diferenças entre eles e os calvinistas. No terceiro capítulo exporemos as formas que o missionário Justin Perkins usou para representar os assírios em seu livro, ao público estadunidense, bem como as hipóteses causais acerca dessas representações.

1 COMISSIONAMENTO DE JUSTIN PERKINS E DESENVOLVIMENTO DA MISSÃO COM OS CRISTÃOS ASSÍRIOS

No início do século XIX foi fundada nos E.U.A. uma instituição que reunia membros da Igreja Presbiteriana, Igreja Congregacional e Igreja Reformada Holandesa para enviarem missionários ao exterior: a American Board of Commissioners for Foreign Missions (ABCFM). Seu objetivo era levar a fé protestante calvinista às regiões do Oriente onde jamais havia chegado o protestantismo.

Inicialmente, tinham o intuito de evangelizar muçulmanos no Oriente Próximo. Porém, coletaram dados acerca de uma região com cerca de 150 mil pessoas, na qual viviam cristãos que não tinham comunhão e nem ligação com qualquer outra igreja oriental conhecida por eles e nem com o catolicismo romano: os chamados “nestorianos”. Essa região tinha como centro a cidade de Oroomiah, na Pérsia (cidade atualmente chamada de Urmia, a capital da província do Azerbaijão ocidental, no Irã). Era uma fértil região agrícola, povoada em torno do grande lago Oroomiah, constando de uma população mista de cristãos assírios, muçulmanos e judeus.

Para coletar informações e tentar estabelecer uma “missão” entre eles, a ABCFM designou o missionário reverendo Justin Perkins, o qual, em 1833, se tornou o primeiro missionário protestante com um trabalho fixo entre os cristãos conhecidos como “nestorianos”. Ele era um professor de teologia dos seminaristas e futuros missionários do Amherst College, em Massachusetts.

Como ordenado pelo comitê de prudência da ABCFM, seus objetivos eram: “cultivar uma íntima familiaridade com as opiniões religiosas e sentimentos dos nestorianos”² e informar corretamente “quanto ao número de nestorianos, seus locais de residência, suas doutrinas, ritos, costumes, educação etc.”.³ Seu estabelecimento era fundamental entre os mesmos, dado a escassez de fontes; a junta de missões informava que tudo o que eles sabiam atualmente sobre os nestorianos lhes era passado através dos “escritores do papa” e de esparsas informações trazidas por dois missionários que estiveram por algum tempo, apenas de passagem na região, os senhores Smith e Dwight.⁴ A ABCFM também recomendava que ele atravessasse as montanhas curdas e fosse se encontrar com o patriarca nestoriano, o quanto antes, mas que isto era algo muito perigoso devido à presença hostil dos “maometanos” que

² RUFUS, A. History of the missions of the American Board of Commissioners for Foreign Missions, to the Oriental churches. Vol. 1. Boston: Congregational Publishing Society, 1872. p. 165.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

poderiam impedir seus intentos⁵.

A ABCFM demonstrava uma esperança muito grande acerca dos cristãos assírios: “Afirmava-se que seu principal objetivo seria capacitar a Igreja Nestoriana, através da graça de Deus, a exercer uma influência dominante na regeneração da Ásia”⁶. Ou seja, utilizar os nestorianos para uma futura expansão protestante em toda a Ásia, em larga escala. Para tanto, trabalhar a partir da ótica e da cultura do nativo seria essencial. Em suas recomendações, Perkins deveria concentrar todos os seus esforços sobre os nestorianos, a fim de conseguir uma “colheita mais rica e rápida”⁷, pois trabalhar sobre esse único campo renderia mais frutos do que se estendesse sua missão a vários lugares.

Assim, observamos que, antes do contato profundo da junta de missões estadunidense com os cristãos assírios, já havia uma expectativa criada acerca deles, baseada em uma ideia que eles seriam “diferentes” dos demais cristãos orientais, permitindo o fácil trabalho dos protestantes e a assimilação de suas ideias. Os nestorianos seriam uma espécie de “base” para a “conquista” da Ásia pela fé protestante calvinista estadunidense. Com essa ideia e expectativa, Justin Perkins partiu para a missão entre os mesmos.

1.1 Impacto geral da missão

Os laços criados por Perkins, nessa missão, o levaram a viajar com o principal bispo nestoriano da região, Mar Yohanan, para palestrar e dar conferências à junta de missões nos E.U.A., em 1843. De fato, os missionários de Oroomiah foram os primeiros estadunidenses a apresentar palestras sobre a Pérsia nos E.U.A. Esse gama de informações produzidas por Perkins - o qual também possuía um talento etnográfico -, incluía desenhos de homens, mulheres e crianças pertencentes aos diversos grupos étnicos persas, seus trajes, o conhecimento da geografia regional e da situação socioeconômica em que se encontravam. Tudo isso foi publicado em seus livros e informes missionários com riqueza de informações.

Além de educar a população nativa, Perkins também criou um alfabeto escrito para os assírios – conhecido hoje como neo-aramaico de Urmia – tendo como base a língua siríaca. Também produziu vários volumes de obras religiosas cristãs nessa língua para a população: os mais importantes foram a tradução do Novo Testamento, que apareceu em 1846, do Antigo Testamento, em 1852, e uma versão com referências do Antigo Testamento, em 1858. Os dois primeiros continham o texto no antigo siríaco e moderno assírio em colunas paralelas.

⁵ Ibid.

⁶ Ibid., p. 166.

⁷ Ibid.

Também estabeleceu uma imprensa tipográfica em Oroomiah, traduzindo antigos livros assírios para a língua atual e produzindo cerca de oitenta outros novos. Um periódico local, “Rays of light” foi criado para levar a educação estadunidense ao povo assírio, com assuntos de religiosidade, ciência, missões, educação de adolescentes e jovens e poesia, entre outros. Além disso, traduziu clássicos da literatura protestante, como “O Peregrino” de John Bunnyan e o manual pastoral de Richard Baxter para a língua daquele povo.

Assim, após oito anos de missões entre os assírios, Perkins pôde relatar:

Temos agora cerca de quinhentas crianças e jovens em nosso seminário e escolas, que possuem tão bons talentos nativos quanto um número igual em qualquer país, e estão estudando com sucesso suas línguas antigas e modernas; e esperamos, no progresso de nosso trabalho, ter muitos mais assim empregados.⁸

Desta forma, a junta protestante aplicava um padrão de sucesso, que também fora executado em outras terras: em seu estabelecimento na terra, o uso de médicos – coisa raríssima na maior parte do Oriente Próximo –, que atendiam à toda a população – pobres tendo acesso à medicina é outra coisa quase inexistente –, criando empatia, aceitação, caindo “nas graças” do povo. Após isso, o conhecimento e diálogo na língua nativa, utilizando-se da mesma para melhor aproximação e acesso às informações; e, como padrão geral da missionariedade protestante, a alfabetização da população, seguida da educação na língua vernacular.

Perkins, então, se tornou o maior especialista americano tanto na língua siríaca, como nos idiomas variados desta, tendo sido amplamente reconhecido pelas autoridades locais e do seu país. Como sua atuação também se estendeu amplamente entre os muçulmanos, conseguiu adquirir documentos antigos muito valiosos para o estudo da língua siríaca e da história e cultura persa dos povos nativos. Ele também foi o pioneiro a estabelecer uma ampla rede de escolas primárias e secundárias no Irã oitocentista, lideradas por missionários estadunidenses, alfabetizando não apenas os cristãos, mas também os muçulmanos. Este e depois outros missionários serviram como cônsules provinciais desde então, ainda que não fossem oficialmente diplomatas. Assim, entre os resultados de seu trabalho, contam-se também o primeiro periódico na história da Pérsia em língua vernácula (1849), bem como a primeira faculdade de medicina desta nação (1879), além claro, de educar milhares de meninos e meninas.

⁸ PERKINS, J. Residence of eight years in Persia, among the nestorian christians; with notice of the muhammedans. Andover, NY: Allen, Morrill & Wardwell, 1843. p. 17

A presença missionária estadunidense calvinista gerou consequências políticas profundas para o futuro dos assírios na região. Em primeiro lugar, ela despertou o nacionalismo assírio, a luta pela preservação étnica e a luta por direitos políticos através da transcrição da língua vernácula, a criação da primeira gráfica para esses povos e o desenvolvimento posterior de um jornal nativo com reivindicações próprias e formação de linguagens de representação étnica específicas. Em segundo lugar, criou um elo com os E.U.A. que levou à imigração de dezenas famílias assírias para este país - por ocasião da Primeira Guerra Mundial e os massacres a este povo, deflagrados pelos otomanos – onde formou-se uma grande comunidade assíria.

Desta forma, observa-se que a missionariedade estadunidense na Pérsia Oitocentista, denotou grandes influências sócio-políticas na região, como o motivo propulsor do nacionalismo assírio e a futura imigração desses povos para os E.U.A., assim como a base da infiltração cultural e política dos estadunidenses no futuro Irã.

2 REAL OU IMAGINÁRIO: QUEM ERAM OS “NESTORIANOS”?

O sucesso geral da missão estadunidense entre os assírios de Oroomiah, deve ser entendida para além de fatores econômicos, políticos e sociais. É claro que a ajuda médica, tecnológica e educacional, abriu muitas portas para que a missão desse certo. Porém, o aspecto simbólico deve ser considerado: a “boa vontade” e excelentes expectativas dos estadunidenses, antes mesmo de se estabelecerem, assim como a boa acolhida por parte dos assírios durante todo o tempo, deve ser investigada nas raízes culturais de ambos.

2.1 Uma “estranha” identificação

A ideia de buscar um “remanescente esquecido”, um “outro distante”, um “elo perdido” pode ser encontrada em diversas épocas da cultura Ocidental. Essa identificação estadunidense, que é base para nossa pesquisa, porém, deve ser analisada mais de perto. Quando Perkins apresenta os cristãos assírios, em seu primeiro livro de relatos, ele inicia sua narrativa afirmando que seu interesse pelos nestorianos é justificável, apesar do seu pequeno contingente populacional espalhado pela Pérsia. Para validar sua posição, ele cita dois povos “sagrados” para os protestantes estadunidenses, os quais são reconhecidos como seus predecessores: os cristãos valdenses e os cristãos morávios:

O interesse com o qual contemplamos uma nação ou povo é muitas vezes desproporcional aos números. [...] A pequena comunidade dos valdenses, reprimida nos estreitos vales do Piemonte, era o repositório daquele tesouro

inestimável - a vitalidade de nossa religião santa - durante a longa noite enquanto o resto da Europa permanecia entorpecido sob a escuridão da morte espiritual. Os poucos milhares de morávios ocupam um lugar nos registros da igreja, no vigor de seu zelo e na energia de seus esforços para estender os triunfos do evangelho, que as grandes nações cristãs poderiam dignamente cobiçar.⁹

Também é feita a comparação dos assírios à duas nações: a Grécia, como um conjunto de ilhas e de população pequena que influenciou intelectualmente todo o Ocidente e a

[...] pequena ilha da Grã-Bretanha está, a esta hora, exercendo uma influência sobre a condição e os destinos de todo o mundo, que a vasta extensão e as inumeráveis miríades da China não apenas nunca conheceram, mas dificilmente seriam capazes de rivalizar¹⁰.

Dado essas palavras, ele as compara com os cristãos assírios, que exemplificam exatamente o que foi falado em relação aos dois povos e duas nações anteriormente citados:

Os Cristãos Nestorianos são o pequeno, mas venerável remanescente de uma outrora grande e influente igreja cristã. Eles são os mais antigos das seitas cristãs; e, em seus melhores dias, foram numerosos em todas as vastas regiões, da Palestina à China; e eles levaram o evangelho para a própria China. [...] Mas tanto na prosperidade quanto na adversidade, durante mais de mil anos de sua história, são fornecidos os exemplos mais brilhantes de trabalho perseverante e de abnegação e muitas vezes, de martírio heroico, alegremente encontrado na profissão e na promulgação zelosa do evangelho, que se encontram nos registros do cristianismo desde os dias dos apóstolos”.¹¹

Essa afirmativa causa estranhamento, sobretudo, para quem estuda o cristianismo e entende as gigantescas diferenças históricas entre os mesmos. Porque um protestante, calvinista e estadunidense vê com tanta estima uma forma de Cristianismo condenada como herética universalmente, ao longo da história do Ocidente!? Minha exclamação vem imbuída de um real interesse de compreensão, pois, como cita Ginzburg: “compreender menos, ser ingênuos, espantar-se, são reações que podem nos levar a enxergar mais, a aprender algo mais profundo, mais próximo da natureza.”¹². Precisei “estranhar” isso, ou seja, “superar as aparências e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade”¹³.

Seria fácil supor que os dois grupos cristãos realmente se pareceriam, ou ainda, que seria apenas uma fantasia pragmática por parte dos estadunidenses. Investir os assírios de uma

⁹ PERKINS, J. Residence of eight years in Persia, among the nestorian christians; with notice of the muhammedans. Andover, NY: Allen, Morrill & Wardwell, 1843. p. 1.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid., p.1-2.

¹² GINZBURG, C. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.29.

¹³ Ibid., p.36.

potencialidade missionária, comparando-os com outros grupos “sagrados” na memória calvinista estadunidense é uma associação que de modo nenhum pode ser banalizada; não é coisa comum entre protestantes fundamentalistas se reconhecer no outro. Nem no outro “próximo” (como as intermináveis querelas de calvinistas querendo converter batistas ou adventistas e vice-versa), nem tampouco em um outro “tão distante” como os assírios.

Essa nossa percepção inicia – repito – com a ideia de estranhamento, ou seja, “descrever as coisas como se vistas pela primeira vez”¹⁴. É a partir desse estranhamento que parte essa pesquisa e fá-la dedicar-se a entender as estruturas de representação e interpretação da realidade por parte do missionário Justin Perkins. Nesse sentido, devemos acrescentar a contribuição de Chartier para as representações sociais e tomar cuidado: “Com efeito, as divisões culturais não se ordenam obrigatoriamente segundo uma grade única do recorte social [...]”¹⁵. A forma como costumamos classificar as divisões socioculturais não é a mesma dos autores que produziram sua própria história e “[...] outros princípios de diferenciação, também plenamente sociais, podiam justificar, com mais pertinência, as variações culturais”¹⁶.

2.2 Origem dos cristãos assírios

Não é estranho que os calvinistas desconhecessem os assírios e tivessem poucas informações sobre os mesmos. A origem desta tradição cristã é datada da Síria do século I. Mais precisamente, na cidade de Antioquia e do grande movimento cristão que surgiu a partir dali. Antioquia foi o grande centro missionário da primeira metade do século I, onde se encontravam os primeiros apóstolos, teólogos, profetas e mestres do modelo de cristianismo que iria vencer dentre as leituras que existiam do Movimento de Jesus¹⁷. No intuito de evangelizarem tanto o império romano, quanto os outros impérios orientais, esse modelo de cristianismo se espalhou pelos três continentes: Ásia, África e Europa. Antioquia se tornou uma espécie de centro produtor de teologia e evangelismo. Não tardou para até o século IV ter se tornado um dos principais patriarcados da Antiguidade. Ali desenvolveu-se toda uma

¹⁴ Ibid., p.36.

¹⁵ CHARTIER, R. O mundo como representação. In: À beira da falésia. A História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.68.

¹⁶ Ibid., p.69.

¹⁷ Sobre isso, confira o artigo: PAIVA, L. G. P. M. de. Antioquia, Paulo de Tarso e a formação da religião cristã. In: Revista Tempo Amazônico - ISSN 2357-7274| V. 2 | N.2 | jan - jun de 2015 | p. 94-110.

tradição cristã que dava ênfase ao Jesus como homem histórico, uma exegese literalista da Bíblia e uma cristologia do Espírito Santo¹⁸.

Durante os séculos IV e V, a era dos primeiros e grandes Concílios Ecumênicos, Antioquia se destacou pela sua ênfase numa cristologia que destacava o papel do homem histórico Jesus e sua convivência com o Logos divino (uma das pessoas da Trindade)¹⁹. Essa visão cristológica chocava-se com a visão de outro patriarcado, o de Alexandria, que se posicionava contra, pois enfatizava a cristologia de uma única pessoa, o Logos divino habitante em uma carne (“sarx”)²⁰. Como nos concílios, os interesses políticos e econômicos estavam envolvidos tanto quanto os teológicos, a visão alexandrina sobrepôs-se à visão antioquena no terceiro concílio ecumênico, o de Éfeso, em 431 d.C.

O conflito havia começado quando Nestório, patriarca de Constantinopla e herdeiro da tradição antioquena, afirmou que a Maria era *Christotokós* (“Mãe de Cristo”) e não *Theotokós* (“Mãe de Deus” ou “deípara”)²¹. O termo *Theotokós* era muito querido para os alexandrinos, que viam no termo proposto por Nestório, uma tentativa de separar duas pessoas (uma divina e uma humana) na pessoa de Cristo. Disso se seguiu que Cirilo, juntamente com ajuda imperial, organizou o terceiro concílio de forma muito brusca, impedindo a presença, tanto do Patriarca de Constantinopla, como o de Antioquia.

Assim, Cirilo e os alexandrinos dominaram os trabalhos e asseguraram a excomunhão tanto de Nestório, como de João, o Patriarca de Antioquia, condenando suas ideias. Essa excomunhão atingiu toda a região marcada pela influência da teologia antioquena, que já, a esta época, ia da Síria até o atual Afeganistão. Ainda que o patriarca João fosse “reconciliado” em um concílio posterior, boa parte dos cristãos de tradição antioquena sentiram sua exclusão, se posicionaram ao lado de Nestório - que foi condenado ao degredo - e se desligaram dos rumos teológicos e políticos do cristianismo dentro das fronteiras do Império romano. O efeito não foi tão negativo para os representantes da teologia antioquena, pois estes se espalharam pela Pérsia, Índia, Mongólia e China, até o século VIII. A Síria oriental e, sobretudo, a Pérsia, se tornaram as grandes sedes dessa cultura cristã que se expandiu por todo o Oriente.

¹⁸ IRVIN, D.; SUNQUIST, S. (org.). História do movimento cristão mundial. Vol. 1: do cristianismo primitivo a 1453. São Paulo: Paulus, 2004. p. 93-94.

¹⁹ GONZÁLEZ, J. L. História ilustrada do cristianismo. A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. 2. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 278-279.

²⁰ IRVIN, D.; SUNQUIST, S. (org.). Op. Cit. p. 241.

²¹ KAUFMANN, T; et alli (org). História Ecumênica da Igreja. Dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012. p. 139-140.

Pelo fato de só ter aceitado os dois primeiros concílios, os cristãos de tradição antioquena foram perseguidos ou hostilizados tanto por cristãos seguidores da teologia alexandrina, quanto ortodoxos bizantinos, quanto por católicos romanos; além disso, foram duramente perseguidos pelos muçulmanos, mongóis e entre algumas dinastias indianas e chinesas. Por conta de seu rompimento estar ligado à condenação de Nestório, durante o Concílio de Éfeso, receberam o apelido pejorativo de “nestorianos”.

É necessário esclarecer que o termo “nestoriano” é pejorativo e, portanto, não o usamos, pois foi criado pelos rivais teológicos dos cristãos assírios. Esses cristãos, chamam a sua igreja hoje de Igreja Católica Apostólica Assíria do Oriente, e se identificam como cristãos assírios. Além disso, não foi Nestório que começou essa tradição cristã, tendo ela surgido nos primórdios da expansão do Movimento de Jesus em Antioquia da Síria.

Porém, no século XIX, restava muito pouco daquela glória dos primeiros mil anos: “eles foram cortados e varridos, até que um vestígio permaneceu escasso, exceto nas fortalezas de montanhas inacessíveis”²². A extrema perseguição que sofreram por parte de zoroastristas, budistas, hindus, islâmicos entre outros, fê-los reduzir a um número bem pequeno, e em comunidades esparsas através do oriente próximo e extremo Oriente. E logo, os missionários protestantes indicaram essa decadência apontando sua pobreza, exploração por parte dos muçulmanos e carência educacional.

Mas, por que os “nestorianos” se apresentavam como uma solução para a expansão protestante americana na Ásia se, ao mesmo tempo, eram povos indefesos que precisavam de urgente ajuda? O que Perkins entende e expõe é que os assírios necessitavam de alguém que os libertasse do julgo para cumprir sua “missão” histórica. O fato de serem eles os “escolhidos” e não os cristãos caldeus, jacobitas ou armênios (os quais habitavam a mesma região e regiões próximas) reflete características profundas da psicologia e cultura protestante. Os missionários se projetaram, em certa medida, naquilo que viram. É claro que as diferenças deveriam ser acertadas com o trabalho de educação protestante, mas que não encontraria barreiras entre aquele povo.

Nesse sentido, devemos atentar para a questão do imaginário e as questões políticas que o envolvem. Como citar Girardet:

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ela exerce também uma função explicativa, fornecendo um certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da

²² PERKINS, J. Op. Cit. p. 1.

qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e acontecimentos.²³

Estamos diante de um mito do “elo perdido”, de um povo distante e desconhecido que carrega as mesmas características dos seus “irmãos”. Isso mobiliza a ação histórica dos estadunidenses naquela região, daí “[...] a necessidade de levar em consideração a singularidade de uma realidade psicológica de uma especificidade muito evidente”²⁴. A forma necessária aqui de compreender o porquê da realidade dessas representações está dentro da questão do imaginário, e as formas que ela assume são realmente inusitadas, como veremos adiante.

3 RAZÕES E REPRESENTAÇÕES

Como o público que estaria lendo seu livro jamais vira ou conhecera um cristão assírio – talvez nunca tivesse ouvido falar dos mesmos –, Justin Perkins estabeleceu a incumbência de descrevê-los, representá-los. Como cita Ginzburg, o ato de representação “faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença.”²⁵. Assim, Perkins estava tornando “visível” uma realidade ausente diante de seu público, através, claro, da literatura. Dessa forma, seu público conseguiria “ver” um povo jamais visto e também conhecê-lo e interpretá-lo por meio da leitura de seu livro.

Trabalhamos o conceito, a partir da noção de representação social, na esteira de Jodelet, na qual “a representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações)”²⁶. Logo, Justin Perkins, em seu livro acerca dos primeiros oito anos entre os cristãos assírios, irá transmitir o que estes são - a partir de sua interpretação pessoal, positiva, nesse caso – através de símbolos que seriam positivos, honrosos e de bastante qualidade entre seu público.

3.1 Poder e Sagrado

Quando pensamos em poder, como ele é distribuído através da sociedade e suas variantes de atuação, não podemos dispensar a dimensão do sagrado. Para compreender o que ocorreu na missão protestante em Oroomiah, seja suas representações, ressignificações, identificações, bem como causas e efeitos históricos, busco analisar a documentação a partir

²³ GIRARDET, R. *Mitos E Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.13.

²⁴ *Ibid.*, p. 14.

²⁵ GINZBURG, C. *Op. Cit.* p.85.

²⁶ JODELET, D. (org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 27-28.

as noções de sagrado entre aqueles protestantes e sua aplicação na vida real. Para tanto, devemos analisar na linguagem dos livros produzidos, os elementos fundamentais de interpretação da realidade do protestante, e como, a partir do sagrado, ele as representa e pode criar vivências a partir daí.

Nesta documentação, observamos a tentativa de construção de uma imagem sagrada, feito por um protestante, em cima de uma civilização completamente diferente da sua. O que está em disputa aqui são visões que orientarão as próximas atitudes da Junta Americana em relação à missão. A disputa política em torno da continuidade ou não se dá através da importância daquele povo e da sua visão diante do sagrado protestante.

Seguindo o conceito em Mircea Eliade, este parte do pressuposto fundamental que o sagrado é aquilo que se opõe a profano²⁷, de forma que o *sagrado* e o *profano* constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história²⁸. Um “Cosmos” repleto de hierofanias e guiado por elas teria sido o modo de existência dos homens pré-modernos, os quais ele chama de *homo religiosus*. No entanto, a Modernidade teria erigido um novo tipo de homem, que “dessacralizou seu mundo e assumiu uma existência profana.”²⁹ O protestantismo calvinista, ainda que uma forma de Cristianismo moderna, se encontra no limiar humano entre o *homo religiosus* e homem moderno.

Partindo desse pressuposto, temos que considerar a análise do sagrado para a História Política em nosso trabalho. Eliade demonstra que o *homo religiosus* busca estar vivendo o mais possível próximo do sagrado e dos objetos sagrados. Isto porque, para este:

[...] o *sagrado* equivale ao *poder* e em última análise, à *realidade* por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. [...] É portanto, fácil de compreender que o homem religioso deseje profundamente *ser*, participar da *realidade*, saturar-se de poder.³⁰

Neste sentido, devemos atentar para um ponto crucial no aspecto político: a atenção ao domínio também do campo religioso. Não há poder estabelecido institucionalmente, seja entre os povos pré-modernos ou modernos, que não tenha se utilizado da religião, de alguma forma, para governar. E dentro do microcosmo das instituições religiosas, as relações hierárquicas e honoríficas são distribuídas mediante aproximação e afastamento do sagrado. E na relação

²⁷ ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p.17.

²⁸ Ibid., p.20.

²⁹ Ibid., p.19.

³⁰ Ibid., p.18-19.

entre religiões diferentes, o conflito se dá sobretudo no campo religioso, criando, muitas vezes, a guerra dos deuses – podemos citar desde a luta entre católicos e muçulmanos durante as Cruzadas medievais até os embates entre pastores neopentecostais e religiões brasileiras de origem afro-indígena.

3.2 Representações dos “nestorianos”

Naquilo que até o momento pudemos traduzir e perceber na documentação analisada, Perkins representa os cristãos assírios de forma positiva, criando uma identificação entre eles e os protestantes. As palavras e comparações são feitas para criar um fenômeno de se tratar de um povo “remanescente” tanto do “Antigo Israel”, quanto da “Antiga Igreja”.

Inicialmente, cria-se uma linha genealógica hipotética deste povo descendendo dos israelitas bíblicos. Em uma breve discussão histórica com autores missionários, considerados autoridades por ele, Perkins afirma:

O curioso inquiridor pode acrescentar muitas outras evidências mais ou menos plausíveis de que os nestorianos são descendentes dos judeus. Não há qualquer absurdo na suposição de que seus remotos ancestrais possam ter sido uma parte dos israelitas, que foram levados cativos pelos reis da Assíria, como mencionado em 1 Cron. 5: 26, e 2 Reis, 15: 5, 29 [...].³¹

Logo, se utilizar da autoridade bíblica para dar validade a uma afirmativa histórica, é estratégia ideal para convencer o público protestante. Em sua análise, ele afirma não ser possível comprovar com toda certeza que eles sejam puramente descendentes dos judeus; porém, ainda que deixe em aberto, a hipótese tem o efeito de gerar um convencimento em favor dessa ideia.

Em segundo lugar, Perkins levanta a hipótese, baseada na própria tradição assíria, de que eles sejam cristãos por evangelização de um dos doze apóstolos, São Tomé:

Sobre sua conversão ao cristianismo, os nestorianos atribuem-na a Tomé, um dos doze apóstolos, com quem Addai (Thaddeus) e Mari, do número dos Setenta, foram associados. A tradição oral e os escritos antigos dos nestorianos estão unidos em apoio a essa opinião. E como vários dos padres cristãos nos informam, que Tomé viajou para o leste, até mesmo para a Índia, pregando o evangelho, como ele avançou, através dos países intervenientes, podemos considerar as alegações dos nestorianos, sobre este assunto, como pelo menos prováveis.³²

³¹ PERKINS, J. Op. Cit. p. 2.

³² Ibid.

Reivindicar uma origem apostólica a partir de um dos doze é fator inegável de autoridade no meio cristão. Perkins cita outros fatos que podem se adicionar como provas a isso, durante seu discurso.

O missionário passa, então, a tratar especificamente da origem cristã deles; em suas palavras uma “seita cristã”. Para isso, ele os faz remontar a Nestório, patriarca de Constantinopla, e de toda controvérsia em torno do Concílio de Éfeso, que já tratamos aqui. O interessante, é que Perkins vai demonstrar que Nestório – considerado nas outras tradições cristãs como herege – estava certo, ao declarar que Maria era “christotókos” (mãe de Cristo), ao invés de “theotókos” (mãe de Deus). Assim, em sua narrativa, justifica Nestório e ataca Cirilo de Alexandria (seu opositor no concílio). Nestório, na narrativa de Perkins, se torna bíblico, honesto, ortodoxo, e cristão perseguido por uma “igreja corrupta” de seu tempo:

Seus motivos na tentativa de checar a superstição prevalente de prestar homenagem idólatra a um mortal falecido, aplicando a Maria o epíteto blasfemo, mãe de Deus, foram sem dúvida honestos; e qualquer novidade que seu gênio especulativo possa tê-lo levado a abordar, sobre o misterioso tema da encarnação, seus pontos de vista, para qualquer coisa que apareça, eram ortodoxos em sua essência. De fato, vale a pena investigar se Nestorius pode não ter sido muito mais evangélico que seus oponentes, e se sua pureza comparativa, na corrupção geral da igreja que prevaleceu naquele período, pode não ter sido a principal causa do rigor. com o qual ele foi tratado.³³

Outro fator é diferenciar os assírios ditos “nestorianos”, de outros cristãos, também de linha assíria: os caldeus e os “jacobitas”. Os caldeus teriam “drasticamente” se convertido à fé católica pelo “fervor dos jesuítas” e os jacobitas seriam “monofisitas” que agora falam o árabe, e não mais o siríaco moderno.³⁴ Estes dois se tornaram, pelo que deixa entender a visão de Perkins, corruptelas dos nestorianos:

Os papistas também fizeram convertidos dos jacobitas e arrogaram para eles o título de cristãos sírios, com o mesmo grau de modéstia e propriedade com que assumem o título de caldeus, pelos convertidos que fizeram dos cristãos nestorianos.³⁵

Perkins também tece muitos elogios ao caráter e comportamento dos assírios. O tempo todo ele se refere à opressão que eles sofrem por parte dos islâmicos - já que os mesmos viviam em sistema servil de campesinato, submetidos a senhores mulçumanos. Porém, ele acredita que pela ação de sua missão, juntamente pelo “caráter nestoriano”, tal situação iria

³³ PERKINS, J. Op. Cit. p. 3.

³⁴ Ibid., p. 4.

³⁵ Ibid..

mudar: “E o tempo pode não estar distante, quando a humilde população cristã desta província, aumentada em números e elevada em seu caráter [...] silenciosamente herdar esta boa terra. Os pacíficos herdarão a terra.”.³⁶

Curioso é que, ao tomar conhecimento do Novo Testamento siríaco (em sua versão chamada de “Peshitta”), Perkins percebeu que faltava na Bíblia assíria, alguns livros que estão no cânon protestante, bem como alguns capítulos de determinados livros.³⁷ Os missionários prontamente apresentaram essas partes que faltavam e se sentiram satisfeitos pelo fato que os assírios “prontamente as leram e as reconheceram como canônicas”³⁸. Para o protestante, o cânon é um fator de identificação fundamental. Um dos pilares da fé protestante é o lema, em latim, *sola scriptura* (“somente as Escrituras”).

A simpatia de Justin Perkins se manifesta em várias partes de seu livro. Ao descrever as características físicas dos assírios, ele narra:

Os nestorianos, como seus senhores e vizinhos maometanos, são pessoas muito bonitas. Sua estatura é quase a mesma que a nossa. Suas características são regulares, viris, inteligentes e muitas vezes bonitas. E sua aparência, se seus hábitos fossem limpos - particularmente o dos nestorianos nas altas montanhas - seria quase tão leve e justo quanto o comum entre os americanos. Em seu caráter, eles são ousados, generosos, gentis, muito ingênuos para os asiáticos e extremamente hospitaleiros.³⁹

Em todo o tempo, as palavras acerca deles são sempre positivas, ternas e simpáticas. Por fim:

As crenças e práticas religiosas dos nestorianos são muito mais simples que as dos outros cristãos. Eles têm a mais profunda aversão a todo culto às imagens, à confissão auricular, à doutrina do purgatório e a muitas outras práticas e dogmas corruptos das igrejas papais, grega e armênia; enquanto eles dão a mais alta reverência às Sagradas Escrituras, e, pelo menos em teoria, as exaltam muito acima de todas as tradições humanas. Seus dogmas doutrinários, até onde aprendi deles, são, em geral, claramente expressos e corretos. Sobre o assunto importante da divindade de Cristo, em relação ao qual a acusação de heresia é tão violentamente jogada sobre eles pelos papistas e outras seitas orientais, sua crença é ortodoxa e bíblica.⁴⁰

Esse trecho diferencia claramente os assírios dos demais cristãos orientais a partir dos pressupostos sagrados mais caros para a apologética do protestantismo calvinista: doutrina

³⁶ Ibid., p.11.

³⁷ O Novo Testamento em siríaco não tinha as epístolas de Judas, II e III João, a II de Pedro e nem o livro de Apocalipse. Também não havia I João 5.7 e nem o relato do evangelho joanino sobre a mulher adúltera, no capítulo oito. Cf. Ibid., p.14.

³⁸ Ibid., p.15.

³⁹ Ibid., p.17.

⁴⁰ Ibid., p. 20.

dos ícones, do purgatório, da confissão, e a *sola scriptura*. E ao final, afirma que eles não cometem nenhum tipo de heresia cristológica ou qualquer outra; são falsas acusações dos “papistas”.

O fato de destacar esses detalhes ou, pelo menos, interpretar que os assírios assim o sejam, afastando-os de qualquer relação com o catolicismo romano, cria uma ideia de que é um povo “pronto” a ser alcançado pela ação missionária protestante; como um desígnio ou providência de Deus, ter deixado um “remanescente” que nesse momento cumpriria sua missão histórica.

3.3 Aproximando os distantes: razões de uma representação

Não trataremos especificamente do processo em que o missionário internalizou a ideia de que os cristãos assírios são peça tão fundamental na expansão do protestantismo. Mas o que queremos entender é o porquê dele os retratar assim no seu primeiro livro. Levantamos, então, algumas hipóteses acerca da razão de tão positivas representações e identificações do missionário protestante com o povo assírio em Oroomiah.

Em primeiro lugar, devemos entender que Justin Perkins é um missionário, que, como todos, precisa do financiamento de seu trabalho por parte do público estadunidense. Lembrando que este livro que analisamos se trata de um relato dos seus primeiros oito anos na Pérsia. Ele havia escrito uma parte na sua viagem de retorno aos Estados Unidos e outra já em solo estadunidense. Seu intuito é conseguir os recursos financeiros para poder voltar, além de obter mais recursos necessários para o crescimento da missão. Perkins vive de ofertas e doações dos americanos, e precisa despertar nos mesmos um desejo de expansão missionária por aquelas regiões longínquas, das quais não se ouvia falar.

Aqui, temos uma questão de distância e esfriamento emocional. Os missionários, são uma categoria eclesiástica que necessita o tempo todo tornar presente aquilo que não é, para seu público sustentador. Isto porque eles próprios não têm como providenciar seu sustento, dependendo de um grupo de pessoas que os ajude. Por mais que esse missionário se envolva emocionalmente com determinado povo, geralmente por ter um prévio contato pessoal com este, é difícil fazer o mesmo com quem não esteve em contato, ou quem nunca esteve no “campo”. Daí, a necessidade de criar representações úteis - acerca do povo ou comunidade que o missionário quer alcançar – para que o público que irá financiá-lo torne aquela realidade presente, e, assim, se envolva emocionalmente ao ponto de considerá-la em sua existência e queira sustentar todo aquele processo.

Observamos também que todas as narrativas, os “nestorianos” se mostram sempre gentis, carentes de cuidados e solícitos para ouvir: “Essa gentileza e hospitalidade característica dos nestorianos, que sempre nos manifestam ao máximo de seu poder, contribuem muito para tornar agradável e confortável a nossa residência”.⁴¹ Não há relatos de resistência por parte dos assírios. Pela primeira vez um ocidental aparecera naquelas terras para educar o povo, o qual reagiu muito positivamente quanto a isso. Ao missionário eles pareceram um campo “pronto para a colheita”, possivelmente preparado por Deus:

Temos agora cerca de quinhentas crianças e jovens em nosso seminário e escolas, que possuem tão bons talentos nativos quanto um número igual em qualquer país, e estão estudando com sucesso suas línguas antigas e modernas; e esperamos, no progresso de nosso trabalho, ter muitos mais assim empregados.⁴²

Essa “não-resistência” por parte dos assírios dá a entender ao missionário que eles estavam destinados por Deus a serem alcançados por ele. As fronteiras de identificação em um campo de missionariedade, se tornam mais fluidas a partir do momento em que surge cooperação de ambas as partes. Isto é, quando se oferece menos resistência à missionariedade, há, por parte do colonizador, uma tentativa maior de integração do colonizado ao seu próprio sistema cultural. Em outras palavras, se o outro aceita de forma mais passiva a minha colonização, talvez ele não seja tão “outro” assim.

Em um dos livros acerca da missão, escrito para ser uma coletânea das missões orientais da ABCFM, o autor nos diz que apesar da sua “degradação moral” e de infringir quase todos os dez mandamentos do decálogo, os “nestorianos”

Foram totalmente acessíveis para o missionário protestante, e foram mais bíblicos em suas doutrinas e rituais, com muito menos de dogmatismo, do que qualquer outra seita Oriental.⁴³

Logo, existindo ou não gigantescas diferenças culturais, eu posso me ver no outro como espelho, senão em muitos aspectos, mas nas questões essenciais. Esse aspecto é interessante, pois em matéria de cristologia, entre tantas outras, esta igreja era a grande divergente doutrinária dos outros cristanismos ao redor do mundo. Mas isso foi contornado, talvez, pela falta de conhecimento dos seus dogmas por parte do povo, ou, talvez ainda, as diferenças não fossem tão grandes assim, como se apresentou nas histórias eclesiásticas das

⁴¹ Ibid., p. 18.

⁴² Ibid., p. 17.

⁴³ RUFUS, A. History of the missions of the American Board of Commissioners for Foreign Missions, to the Oriental churches. Vol. 1. Boston: Congregational Publishing Society, 1872. p. 173.

tradições cristãs rivais.

Por fim, é necessário reconhecer que, apesar das semelhanças e de sua missão histórica, os nestorianos ainda precisam da intervenção salvífica dos protestantes: “Atraentes como são seus traços nativos de caráter, é como cristãos nominais, que os nestorianos investem com o mais profundo interesse.”.⁴⁴ Apesar de tudo, ainda são cristãos “nominais”. Não cristãos “plenos” como os protestantes. No entanto, pelas suas características notáveis, o interesse é destacado.

Ao que parece também, o fato de os nestorianos não utilizarem imagens de escultura, nem ícones ou terem alguma deliberação oficial sobre a prostração perante santos ou algo parecido – até porque se desligaram dos demais concílios ecumênicos cristãos que deliberaram sobre isso – era visto positivamente pelos protestantes, não evidenciando práticas de “idolatria”. Justin Perkins e os outros missionários que participaram dessa missão protestante na Pérsia, parecem ser enfáticos em destacar uma diferença grandiosa entre os cristãos assírios e os demais cristãos orientais que tiveram contato em outras regiões (ortodoxos bizantinos, sirianos, melquitas, coptas). Historicamente, a grande diferença entre esses segmentos cristãos é a doutrina cristológica dos assírios e sua tradição imagética um tanto mais iconoclasta que as demais. Acreditamos que este último aspecto seja o principal no campo da interidentificação religiosa. A tradição protestante calvinista estadunidense, um misto de zuínglianismo, anabatismo e luteranismo, sempre pregou a iconoclastia como forma litúrgica e ritualística principal, que a diferenciavam de toda a tradição católica europeia e até das outras primeiras segmentações protestantes (Igreja Luterana e Anglicana, por exemplo).

Encontrar no Oriente um rito cristão com ausência de “imagens” religiosas (esculturas, quadros, pinturas e demais objetos materiais de santos, santas, anjos entre outros elementos), pode ter soado como encontrar um “elo perdido” entre a “igreja dos apóstolos” (a crença na unidade de uma igreja formada pelos apóstolos seguidores de Jesus logo após sua morte e ressurreição) e os dias atuais, sem ter passado pela intermediação “católica”, “caída”, ao seu ver. Porém, temos em conta que essa representação de proximidade com os nestorianos tem seu limite. Eles se “esfriaram” ou se tornaram “cristãos nominais”.

Logo, precisam do “algo mais” que só os protestantes têm. E é isso que pode justificar a continuidade da missão e tornar ainda mais imprescindível o trabalho do missionário na região, honrando as ofertas que está recebendo. Como observa Chartier, vemos aqui uma construção de identidades sociais como “[...] uma relação de forças entre as representações

⁴⁴ PERKINS, J. Op. Cit. p. 18.

impostas por aqueles que têm poder de classificar e nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma”⁴⁵. Será que os assírios se entendiam assim? É uma pergunta a se responder em outro trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da história missionária sempre nos surpreende com seus desvios e excepcionais-normais que aparecem por toda a parte; encontrar calvinistas na Pérsia, crendo que cristãos assírios são o futuro do missionarismo protestante na Ásia é um deles. Contudo, a experiência de diálogo entre essas duas tradições cristãs não foi inocente e muito menos pacífica. Em algum momento houve ressignificações e absorções de noções teológicas de ambas as partes. Outrossim, o poder exercido por parte do missionário Perkins sobre eles se evidenciava na carência daqueles povos em ter instrução de qualidade, sistema de saúde e outras vantagens trazidas pela tecnologia avançada dos norte-americanos em fazer missões.

No entanto, podemos observar que no auge do fundamentalismo norte-americano e da expansão missionária ao Oriente, um experiente missionário produz um discurso distinto de seus colegas da mesma junta missionária e propõe um novo modelo de expansão protestante integrando aquele grupo minoritário assírio. Cabe às futuras pesquisas conceituar este tipo de identificação religiosa baseada nos aspectos apontados acima. Contudo, podemos perceber uma experiência de diálogo inter-religioso entre povos e em um ambiente hostil onde nunca imagináramos haver tal situação.

REFERÊNCIAS

- PERKINS, J. Residence of eight years in Persia, among the nestorian christians; with notice of the muhammedans. Andover, NY: Allen, Morrill & Wardwell, 1843.
- RUFUS, A. History of the missions of the American Board of Commissioners for Foreign Missions, to the Oriental churches. Vol. 1. Boston: Congregational Publishing Society, 1872.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. In: À beira da falésia. A História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- ELIADE, M. O Sagrado e o Profano. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GINZBURG, C. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.36.
- GIRARDET, R. Mitos E Mitologias Políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GONZÁLEZ, J. L. História ilustrada do cristianismo. A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. 2. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011.

⁴⁵ CHARTIER, R. Op. Cit. p. 73.

IRVIN, D.; SUNQUIST, S. (org.). História do movimento cristão mundial. Vol. 1: do cristianismo primitivo a 1453. São Paulo: Paulus, 2004.

JODELET, D. (org.). As Representações Sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

KAUFMANN, T; et alli (org). História Ecumênica da Igreja. Dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012.

PAIVA, L. G. P. M. de. Antioquia, Paulo de Tarso e a formação da religião cristã. In: Revista Tempo Amazônico - ISSN 2357-7274| V. 2 | N.2 | jan - jun de 2015 | p. 94-110.